

Jorge Ferreira Vasconcelos - *Comédia Aulegrafia*.
Versão cénica e estudo introdutório de Silvina
Pereira. Lisboa: Ponto de Fuga, 2021.

Márcio Ricardo Coelho Muniz* 

A atriz, encenadora, dramaturga, pesquisadora e professora Silvina Pereira denomina o teatro quinhentista português de Teatro Clássico. Gosto do termo no sentido cunhado por Ítalo Calvino em seu *Por que ler os clássicos*. À pergunta que formula no título, Calvino responde com algumas proposições de que ressalto particularmente duas: “clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” e “clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 1998, p. 11-12), o que vale dizer, em outros termos, que clássica é a obra que sempre tem o que dizer a qualquer contemporaneidade.

Pelo que depreendo de alguns de seus escritos críticos, a professora Silvina Pereira denomina o teatro quinhentista de “clássico”, dentre outros sentidos, da mesma forma que a crítica ocidental denomina de “teatro clássico” o teatro elisabetano inglês, que nos legou Shakespeare e muitos outros dramaturgos, ou tal como denomina o século XVII na Espanha de *Siglo de oro*, quando produziam e conviviam dramaturgos como Lope de Vega, Miguel de Cervantes, Francisco de Quevedo, Calderón de la Barca e outros, ou seja, o período histórico de uma sociedade que vive o esplendor criativo e produtivo nas artes. Ambos os sentidos de “clássico” convergem com propriedade na denominação de “teatro clássico português” à obra do dramaturgo Jorge Ferreira de Vasconcelos, autor, dentre outras, da *Comédia Aulegrafia*.

Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515? – 1585) insere-se numa forte tradição dramática em Portugal, desenvolvida e divulgada primeiramente pela robusta, diversa e clássica obra de Gil Vicente e Henrique da Mota, passando pela dramaturgia de Antônio Ribeiro Chiado, Simões Álvares, Baltasar Dias, Francisco Sá de Miranda, Luís de Camões, Antônio Ferreira, e alcançando o final do século XVI com a obra teatral de Antônio Prestes. Jorge Ferreira de Vasconcelos é contemporâneo de grande parte desses autores. Embora alguns dos nomes referidos – e não estão aqui todos – sejam ainda pouco conhecidos, hoje sabemos que um grupo de algu-

* Doutor e professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: marciomuniz@ufba.br.

mas dezenas de dramaturgos¹ criou, produziu e encenou teatro ao longo de todo o século XVI, estabelecendo um verdadeiro *século de ouro* português. Jorge Ferreira de Vasconcelos é sem dúvida alguma participante desta festa do teatro português, deste *século de ouro*, e um dos seus nomes mais proeminentes.

Por outro lado, as três comédias que nos legou Jorge Ferreira de Vasconcelos – além da *Aulegrafia*, chegou-nos às comédias *Eufrosina* e *Ulissipo* – podem também ser denominadas clássicas por terem ainda muito a nos dizer, passados cerca de 450 anos de sua criação e representação. O retrato humano e social que a *Comédia Aulegrafia* nos fornece da vida e das figuras da corte portuguesa quinhentista, além de encontrar pares em nossa contemporaneidade, revela uma análise fina, com grande graça e lirismo, e algum vitupério, da gente e das práticas cortesãs da época, corporificadas em personagens com grande carga realista, que proporcionam ao espectador/leitor uma experiência saborosa e aprazível com a língua literária da época. O que significa dizer que, como “escrita da corte”, a *Comédia Aulegrafia* coloca em cena práticas humanas associadas ao domínio e ao convívio com o poder, observadas a partir do micro-poder, ou seja, das relações amorosas na corte – dores de uma dissensão amorosa; jogos para eleição de um novo pretendente; um casamento ao final –, mediadas por uma experiente cortesã, *Aulegrafia*, a tia da jovem disputada.

Configurando o sentido que o termo teatral *comédia* possuía no século XVI português – início triste e final feliz, brindado por um casamento –, o enredo da obra divide-se em cinco atos, em que se espriam quase cinco dezenas de cena, 17 personagens e inúmeras ações e peripécias, apresentando grande diversidade de situações dramáticas, de estratégias cênicas (à partes, teatro dentro do teatro, diálogo com coxia, sons exteriores partícipes da cena), com intensa carga lírica e erudição literária e filosófica. Com diálogos e representações cheios do cômico, do riso; enfim, uma dramaturgia rica que urge ser conhecida e encenada. Nesse sentido, é extremamente meritório o duplo empreendimento que está a desenvolver Silvina Pereira, primeiro com esta “versão cênica”, acompanhada por um instrutivo e bem fundamentado “estudo preliminar”, da *Comédia Aulegrafia*, publicada em dezembro de 2021; segundo, com a futura encenação desta obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, provavelmente com estreia em julho de 2022, como deseja Silvina Pereira, encenadora e diretora do Teatro Maizum.

Nesta publicação da editora Ponto de Fuga, de Lisboa, o acesso que nos dá à obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos abraça, nas palavras da dramaturgista, uma “leitura e escolha do texto onde o jogo dramático sobressai no discurso das personagens” (PEREIRA, 2021, p.15). Ou seja, temos o texto da *Comédia Aulegrafia* dramaturgicamente editado, vale a pena repetir, por uma atriz, encenadora, dramaturga e estudiosa da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos há aproximadamente

¹ 20 são os nomes conhecidos de dramaturgos portugueses no s. XVI, 30 são os autos anônimos, próximo de uma centena e meia é a quantidade de textos dramáticos quinhentistas, editados e acessíveis pela base <http://www.cet-e-quinientos/www.cet-e-quinientos>.

quatro décadas. Toda escolha, é claro, diz muito sobre quem a faz. Neste caso, considero bastante feliz as opções feitas por Silvina Pereira, assim como a belíssima edição realizada pela editora Ponto de Fuga.

Elegantemente demarcada por duas cores, a edição traz em páginas azuis um estudo introdutório que apresenta ao leitor o dramaturgo Jorge Ferreira de Vasconcelos – revelando os poucos dados biográficos que se tem do autor, relacionando-os ao contexto social em que viveu – e também sua obra, abordando tópicos como os critérios da edição, a língua e estilo guardados pela obra, a herança teatral com que o dramaturgo dialoga e os temas de que trata. Soma-se a isto uma “leitura da *Comédia Aulegrafia*”, na qual Silvina Pereira, com clareza, intimidade e grande agudeza analítica, guia o leitor pelos argumentos, espaços, tempos, ações e personagens da obra, acentuando em cada passo as potencialidades dramáticas da comédia. A partir do estudo introdutório, o leitor neófito ganha conhecimentos sobre o autor, sua época, as tradições dramáticas com que dialoga, além de receber chaves de leituras importantes sobre a *Comédia Aulegrafia*, exatamente naqueles aspectos mais pertinentes ao texto de dramaturgia, com a solidez, clareza e simplicidade que só o grande conhecimento e intimidade com a obra e o autor pode possibilitar.

Se as páginas azuis nos convidam à leitura da obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, seu conteúdo não é, todavia, determinante para a fruição e compreensão das páginas brancas, em que está a versão cênica da *Comédia Aulegrafia*. O leitor pode ir direto ao texto de Jorge Ferreira de Vasconcelos. A adaptação da peça proposta por Silvina Pereira, centrada no “jogo dramático”, assegura que falas e cenas guardem o mais significativo para o desenvolvimento do enredo, permitam a pertinente configuração das personagens e contribuam para o desenrolar das tensões encenadas. A versão cênica torna mais concisas longas descrições presentes no texto original, algumas explanações eruditas de cunho humanista, uma ou outra explicitação de referências literárias e filosóficas, e quase nada mais. Nenhum ato, cena ou personagem foi suprimido. Na competente função de dramaturgista, apoiada certamente na longa intimidade e no grande conhecimento que acumulou sobre a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Silvina Pereira propõe um texto da *Comédia Aulegrafia* ágil, leve, guardando todo lirismo, graça e vitupério que o dramaturgo produziu por meio das falas e ações de suas personagens. O orgulho e a resiliência do cortesão, amante trocado, Grasiel de Abreu; a empáfia cortesã e o artificialismo amoroso do oponente e vencedor Jerónimo Soares; a objetividade ativa dos companheiros Dinardo Pereira e Artur do Rego; a graça e as desconstruções idealistas dos moços e criados; as dúvidas, inseguranças e, simultaneamente, o sentido prático da dama disputada, Filomela; e a argúcia, a dissimulação, o estrategismo, a ética prática e relativa, enfim, os interesses e artimanhas da experiente alcoviteira, “motor da acção” (PEREIRA, 2021, p. 34).

Compare-se, a título de exemplo, a cena 7, do Ato I, desta versão cênica com o texto original de Jorge Ferreira de Vasconcelos², na qual Dinardo Pereira – companheiro do amante abandonado, Grasiel de Abreu, e sobrinho da cortesã Aulegrafia – é apresentado ao leitor/espectador. Cumprindo o papel de confessor e apoiador do infeliz Grasiel, buscando de toda maneira animar o amigo e dissuadir sua tia da oposição aos amores de Filomela e Grasiel, Dinardo Pereira apresenta-se, num longo monólogo, como um defensor do “amor contemplativo”, do amor “passivo”, porque “ver ùa bela dama em ouriçada, e fumosa, é mais que Roma triunfante” e, por isso, ele “desaprov[a] essa canalha dos sensuais” (VASCONCELOS, 2021, p. 79). No original de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Dinardo Pereira recorre a anedotas sobre o general romano Júlio César e sobre os caçadores gregos, Acteón e Meleagro, de modo a defender o “jogo do amor” – e não as cartas ou a caça – como o mais prazeroso e cortês jogo, merecedor da contemplação dos amantes. Na versão cênica, aquelas referências clássicas comuns ao eruditismo humanista do Quinhentos são suprimidas, sem perda alguma para a cena, cuja função é demarcar a figura de Dinardo Pereira, primeiramente, como um defensor do amor contemplativo, do amor sentido, do “verdadeiro” amor; muito embora o desenrolar do enredo da comédia nos mostre que o cortesão Dinardo Pereira está mais próximo dos sensuais que criticou do que dos contemplativos que primeiramente exalta. A adaptação cênica da dramaturgista Silvina Pereira traz mais agilidade e leveza retórica para a cena, guardando o essencial da construção da figura de Dinardo Pereira, tão acomodado às situações sociais e condescendente com os valores morais quantos as demais personagens da comédia.

Não apenas na perspectiva da encenação, mas também no que diz respeito ao acesso à leitura do texto da *Comédia Aulegrafia*, esta edição de Silvina Pereira contribui significativamente para a divulgação e conhecimento da obra dramática de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Desprovida dos aparatos filológicos que costumemente acompanham a edição de textos antigos, importantes para pesquisadores e estudiosos das obras, a versão cênica se faz acompanhar, todavia, de um esclarecedor estudo introdutório, que orienta e facilita a leitura. Por outro lado, conforme já indicado, a supressão de “muitas referências e alusões que obrigariam a extensas notas de pé de página” (PEREIRA, 2021, p. 16) tornam a leitura mais fluida, mais ágil, resguardando-se outrossim as mais significativas falas, cenas e ações para o desenvolvimento e a compreensão da intriga cênica; tudo isto amparado na longa experiência com a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos desenvolvido pela atriz, dramaturgista e encenadora.

Esta versão cênica da *Comédia Aulegrafia* possibilitará a leitores e encenadores contemporâneos comprovar e experimentar o quanto a obra “clássica” de Jorge Ferreira de Vasconcelos, da qual a grande maioria só “ouviu dizer”, guarda de “novo, inesperado e inédito”, conforme propõe Ítalo Calvino. A ação dramatur-

² Consultável em *Comédia Aulegrafia* (Jorge Ferreira de Vasconcelos) - Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI (cet-e-quinheiros.com)

gista, cênica e pesquisadora de Silvina Pereira é, por tudo o que se disse, merecedora de muitos elogios e agradecimentos por parte dos leitores. Seja por via de projetos como o “Clássicos em cena”, dedicados à leitura encenada de textos do teatro quinhentista português – com seis edições realizadas; seja por meio de muitos estudos acadêmicos publicados nas últimas décadas. Assim como pela montagem e encenação permanente desse repertório clássico com a Companhia de Teatro Maizum e por fim, pela publicação dessas versões cênicas. A seguir a *Aulegrafia*, a dramaturgista prepara a publicação das versões das comédias *Eufrosina e Ulissipo*. Por tudo isto, o persistente trabalho de divulgação e popularização do teatro clássico português desenvolvido por Silvina Pereira merece também, de nossa parte, o conhecimento e a divulgação. Iniciar-se pela leitura da ótima versão cênica deste clássico da dramaturgia quinhentista portuguesa, a *Comédia Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, é o melhor caminho a recomendar. Que muitos o trilhem!

Referências

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

PEREIRA, Silvina. *Dramas imperfeitos – Teatro Clássico Português: um repertório a descobrir*. Lisboa: Europress, 2017.

PEREIRA, Silvina. *Jorge Ferreira de Vasconcelos – Um homem do Renascimento*. Lisboa: BNP - Teatro Maizum, 2015 (Catálogo Exposição BNP).

PEREIRA, Silvina. Estudo Introdutório: um diamante singular. Em: VASCONCELOS, Jorge Ferreira. *Comédia Aulegrafia*. Versão cênica e estudo de Silvina Pereira. Lisboa: Ponto de Fuga, p. 05-49, 2021.

VASCONCELOS, Jorge Ferreira. *Comédia Aulegrafia*. Versão cênica e estudo de Silvina Pereira. Lisboa: Ponto de Fuga, 2021.

Recebido em 1º de fevereiro de 2022.

Aprovado em 31 de março de 2022.